

Resenha**O ano em que meus pais saíram de férias**

Direção: Cao Hamburger

Andréa Karinne Albuquerque dos Santos¹

O filme *O Ano em Que meus Pais Saíram de Férias* tem a direção e o roteiro de Cao Hamburger, trata-se do seu segundo longa metragem, seu primeiro longa foi *Castelo Rá-Tim-Bum – O filme* que também aborda o universo infantil. Na televisão, ele dirigiu a série *Castelo Rá-Tim-Bum* (1995) e um episódio da série *Cidade dos Homens* (2004). Cao Hamburger divide o argumento do roteiro com Cláudio Galperin, ambos se inspiraram em fatos da infância, vivida na década de 1970 para construir a narrativa.

O filme conta a história de Mauro, um menino de 12 anos que adora futebol e está ansioso para ver o Brasil tricampeão na copa de 1970. Ele é obrigado deixar sua casa, para ficar com seu avô no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, porque seus pais viajaram para fugir da repressão da ditadura militar. Algo inusitado ocorre, seu avô morre e ele não tem como avisar aos seus pais. Mauro toma as rédeas de sua vida, tentando se adaptar a valores culturais diferentes do seu e experimentar os conflitos próprios do início da adolescência.

Nas primeiras cenas, já é possível conferir o caminho escolhido para a construção do protagonista. Mauro aparece sozinho jogando futebol de botão e na vida ele acaba vestindo a camisa do goleiro, alguém que precisa superar seus limites, à espera do momento em que a bola virá em sua direção para fazer a defesa perfeita, porque não lhe é permitido falhar. Essa analogia com o goleiro é muito forte no filme, já que Mauro é convidado a deixar sua casa, para viver novos desafios sem nenhum suporte dos pais, assim como, na hora da defesa ele não contará com a ajuda dos companheiros de time.

Assim como um exilado político, Mauro observa uma vida que é deixada para trás, uma imagem emoldurada pelo para-brisa do fusca dos seus pais. Ao chegar a São Paulo, a moldura permanece a mesma, mas um novo quadro é pintado, a câmera capta a imagem de enormes prédios de baixo para cima ou *contra-plogé*, dando a impressão de que Mauro está sendo esmagado por uma selva de pedras, revelando sua fragilidade diante do desconhecido.

O ponto de vista é de Mauro, ou seja, a história é contada por meio das informações que estão ao alcance desse personagem. Mauro também é o narrador, caracterizado como

¹ Graduada em Jornalismo e em Relações Públicas pela UFPB. Especialista em Gestão Estratégia de Pessoas na Administração Pública.

homodiegético, já que ele faz parte da história ou *diegese*. Ele é um narrador do tipo limitado, pois, tem um conhecimento parcial da história, Mauro sabe apenas que seus pais viajaram de férias e por isso, não aparecem cenas deles na prisão, já que a focalização permite mostrar apenas os fatos que são conhecidos por Mauro. A narrativa é marcada pela voz *over*, que ocorre quando o narrador não está na cena, esse aspecto reforça o tom testemunhal da história.

No início do filme, o diretor utiliza um *flashforward*, que é uma pista que antecipa algo que vai ocorrer, nesse caso, através da imagem de um arame farpado cortando os faróis do carro dos pais de Mauro, quando eles estão deixando Minas Gerais. Esse elemento dá ideia de confinamento, deixando implícitas as atrocidades cometidas pelo regime militar na época.

A maior parte do filme ocorre em primeiro plano, um enquadramento que privilegia imagens dos personagens da cintura para cima, especialmente do rosto. Essa escolha está calcada na transmissão da carga dramática e psicológica vivida por Mauro. O que permite ao espectador compartilhar com os seus anseios e o seu sentimento de abandono, a trilha sonora dá um ritmo intimista e reflexivo ao filme, caracterizado pela angústia e pelo amadurecimento do menino, que busca na introspecção forças para se adaptar ao mundo novo.

Mauro vive um rito de passagem da infância para a adolescência, tendo que aprender a fazer sua comida e a lidar com as diferenças culturais. Além dos generosos judeus, outros imigrantes italianos, gregos e africanos convivem pacificamente no bairro do Bom Retiro. Hanna é uma pequena judia que já desenvolve com competência a vocação empreendedora herdada do seu povo, ela “presenteia” os colegas com uma visão privilegiada do interior provadores femininos da loja de roupas de sua mãe, obviamente em troca de algum dinheiro, um serviço essencial para os garotos daquela idade.

A câmera subjetiva, utilizada para simular a visão do personagem, está presente no momento em que Mauro está como goleiro e ver um fusca passando, parecido com o dos seus pais, ele corre durante muitos metros para alcançá-lo, sem sucesso. Esse recurso somado a trilha sonora, faz dessa cena uma das mais fortes do filme.

Um dos aspectos mais importantes é a relação entre Mauro e de Schlomo, que por força das circunstâncias toma conta dele, é permeada por diferenças e conflitos, que aos poucos vão se diluindo, dando lugar a cumplicidade e o aprendizado mútuo. Apesar de durão, Schlomo é bom, e por isso, faz uma enorme extensão telefônica, ligando o apartamento do avô de Mauro até o seu, para que Mauro possa atender um possível telefonema dos pais. A trajetória do fio é apresentada por meio de um plano-sequência, ou seja, um plano que tem

uma duração mais longa do que o normal. O recurso ilustra bem a distância dos pais, os obstáculos e o acolhimento e a dedicação de um “estranho”.

Mauro adere à alimentação e a religiosidade judaica. Schlomo se arrisca para trazer os pais do menino de volta, chegando inclusive a ser detido. É nesse momento que Mauro extravasa todo sentimento contido, diante da constatação de que está novamente só e quando ele o reencontra, o abraça fortemente. Com o crescimento da relação, eles tiram uma foto igual a que seu pai havia tirado com seu avô, essa imagem marca o início de um relacionamento que muito se aproxima ao de um pai com um filho.

Schlomo consegue devolver a mãe para a vida de Mauro, que está fraca e abatida. Um novo ciclo inicia, imagens de alegria em comemoração a conquista do Brasil na copa, embaladas por uma trilha sonora triste, faz uma analogia ao sentimento de Mauro que está nos braços da mãe e nunca mais verá o pai.

Em geral o filme inova ao discutir as marcas deixadas pela ditadura sob a perspectiva de uma criança, apesar desse não ser o foco central do filme. O convívio com outras culturas, o despertar da sexualidade, o ídolo negro e a referência masculina encarnada por Schlomo foram fundamentais para o amadurecimento do menino. O uso dos recursos técnicos potencializou as emoções e gerou uma identificação com as dores de Mauro, fazendo com que desejemos também protegê-lo.